

04

FORMAS DE ESTUDOS E LINHAS DE ABORDAGENS DA TEORIA QUEER: Quatro contágios depois de *Pedagorgia*

FORMS OF STUDY AND LINES OF
APPROACH IN QUEER THEORY: Four
contagions after Pedagogy

Francisco Ramallo

Doutor em Humanidades e Artes (Universidad Nacional de Rosario)

Professor Adjunto da Faculdade de Humanidades da

Universidade Nacional de Mar del Plata - UNMdP

E-mail: ramallo.francisco@gmail.com

Andrea Torricella

Doutora em Ciências Sociais (Universidad Nacional de Quilmes)

Professora Adjunta do Departamento de Sociologia da

Universidade Nacional de Mar del Plata - UNMdP

E-mail: andreatorricella@gmail.com





Resumo

Nas últimas três décadas, a investigação da dissidência sexual e a atuação da Teoria *Queer* provocaram a tematização do que é classicamente considerado doméstico, privado e íntimo, exibindo-o na esfera pública. A análise de seus usos, poderes e justiças problematizou as relações sociais vigentes, tensionando, de forma contundente, o higienismo, o intelectualismo, o romantismo, o ocidentalismo, o classismo e o heterossexismo. Este relato de experiências recupera uma série de formas de estudo e linhas de abordagem da Teoria *Queer* que emergiram a partir do Grupo de Extensão Pedagógia (coordenado por nós entre 2019 e 2023). Tais vivências, ancoradas na prática, não apenas aprofundam e expandem os sentidos da teoria, mas também a vinculam à educação sexual no contexto da nossa universidade. A partir deste *corpus* de trabalho, colocamos em valor quatro investigações que reconhecem contornos e contrastes essenciais para continuar imaginando a teoria *queer* como conhecimento público, concreto e acessível. A articulação dessas experiências depois de Pedagógia oferece um panorama sobre como a teoria pode ser produzida e vivenciada, transformando o acadêmico em ação.

Palavras-chave: Educação Sexual, Extensão, Teoria *Queer*.

Abstract

Over the last three decades, research on sexual dissidence and the application of *Queer Theory* have provoked the exhibition and public discussion of what is classically considered domestic, private, and intimate. The analysis of its uses, powers, and justices has problematized existing social relations, sharply challenging hygienism, intellectualism, romanticism, Occidentalism, classism, and heterosexism. This account of experiences retrieves a series of forms of study and lines of approach in *Queer Theory* that emerged from the Pedagorgia Extension Group (which we coordinated between 2019 and 2023). These experiences, anchored in practice, not only deepen and expand the meanings of the theory but also link it to sexual education within the context of our university. From this *corpus* of work, we highlight four investigations that identify essential contours and contrasts for continuing to imagine *Queer Theory* as public knowledge, concrete and accessible. The articulation of these experiences after Pedagorgia offers a panorama of how theory can be produced and lived, transforming the academic into action.

Keywords: Sexual Education, Extension, *Queer Theory*.

Introdução

A los campesinos no tenemos que persuadirlos, para que acepten la propaganda que, cualquiera que sea su contenido, comercial, ideológico o técnico, es siempre “domesticadora” (Freire, 1973, p. 23).

Nas últimas três décadas, os estudos da dissidência sexual e as contribuições da teoria *queer* operaram uma profunda viragem, impulsionando a exibição e tematização do que fora rigidamente confinado às esferas do doméstico, privado e íntimo para o debate público. A inquirição rigorosa sobre seus usos, poderes e noções de justiça revelou-se um mecanismo potente para problematizar as relações sociais vigentes, exercendo uma tensão contundente contra pilares ideológicos como o higienismo, o intelectualismo, o romantismo, o ocidentalismo, o classismo e o heterossexismo (Ahmed, 2019; Braidotti, 2005, 2015; Lorde, 2016; Rubin, 2018). O sujeito autônomo, a linearidade da mediação, a racionalidade evolucionista, a retórica salvacionista do humanismo e a interpretação esperançosa são, nesse contexto, intensamente questionados. Essa crítica se aprofunda na zona de contágio que reconhecemos entre a extensão universitária e os estudos da dissidência sexual. É notório o modo como a pedagogia, muitas vezes intelectualizada e asséptica, se desconecta da erótica e do prazer em sua desconexão dos afetos e dos corpos.

Talvez a extensão seja, de fato, um espaço privilegiado para interpelar a construção dos conhecimentos na universidade. Johnson e Bonavitta (2020) já indicavam que a extensão tende a caracterizar ambientes mais democráticos na produção de saberes nas universidades argentinas, comparada à pesquisa e à docência. Isso demanda uma ruptura epistemológica e academicista nas estratégias de construção do saber, exigindo uma concentração ativista tanto dentro quanto fora do espaço áulico. Como alertava Paulo Freire (1973, p. 26), em um tom respeitoso e irreverente, o próprio termo extensão pode implicar uma conotação mecanicista. a ação de levar ou depositar algo em alguém. A extensão, ao ser entendida como mera transmissão, torna o conteúdo estático, rígido e normalizado, configurando-se em uma ação de invasão cultural e manipulação (Freire, 1973, p. 21).

É neste horizonte de desarticulação que este relato de experiências se situa. Ele recupera um conjunto de formas de estudo e linhas de abordagem da teoria *queer* que foram forjadas a partir das vivências do Grupo de Extensão *Pedagorgia*¹, coordenado por nós entre 2019 e 2023. Tais práticas, por estarem firmemente ancoradas na

1 Pedagorgia é um neologismo criado a partir da fusão entre “pedagogia” e “orgia”, proposto de forma deliberada e provocativa para tensionar a assepsia sexual habitualmente associada aos processos formativos e reivindicar o erótico e o corporal como dimensões legítimas da produção de conhecimento.

ação, não apenas enriquecem e potencializam os sentidos da teoria, mas a vinculam diretamente à educação sexual no ecossistema da nossa universidade. A partir deste *corpus* prático, destacamos quatro investigações essenciais que nos ajudam a reconhecer novos contornos e contrastes. O objetivo é continuar imaginando a Teoria *Queer* como conhecimento público, concreto e acessível. Em suma, a articulação dessas experiências depois de Pedagogia oferece um panorama vívido sobre como a teoria pode ser produzida, vivenciada e posta em ação, transformando o conhecimento acadêmico em intervenção.

O conhecimento autêntico exige uma participação ativa do sujeito, que não se limita a receber passivamente a informação. Freire (1973) denuncia a prática educativa tradicional, na qual o educador, frequentemente associado ao extensionista, impõe seus conhecimentos ao educando, transformando-o em um objeto de manipulação. Essa dinâmica, longe de fomentar a transformação social, reproduz as desigualdades existentes. Em contraposição, Freire propõe uma educação dialógica que permita a todos os participantes, incluindo aqueles historicamente marginalizados como os camponeses, construir o conhecimento de maneira conjunta. Ao fazê-lo, questiona-se a divisão entre eles e nós, convidando a uma redefinição das práticas universitárias que promova uma transformação do mundo. A crítica seminal de Paulo Freire estabelece o ponto de partida para

a nossa prática, pois denuncia a lógica extensiva e invasiva do conhecimento que o transforma em propaganda, um veículo de domesticação. É essa mesma lógica que, ao se infiltrar na universidade, busca padronizar e esterilizar o saber, especialmente no que tange aos afetos, aos corpos e à sexualidade. Este artigo se dedica a valorizar precisamente os contágios que emergiram entre a extensão universitária e os estudos da dissidência sexual, propondo uma ruptura com a propaganda domesticadora freireana. A partir de quatro investigações doutorais que germinaram em nosso grupo de extensão, como investigação-formação-ação que subverte a hierarquia tradicional entre quem estende e quem recebe o conhecimento.

Embora os autores e as quatro autoras das teses aqui recuperadas já tivéssemos trilhado caminhos paralelos no ativismo feminista, *queer* e universitário, nosso encontro formal deu-se, emblematicamente, em Masturbarte². Esse evento marcou o início da nossa conversação - ou, mais precisamente, a visibilização e legitimação de uma área de estudos *queer* em nossa faculdade. Masturbarte, com sua carga de prazer e irreverência, simboliza a irrupção do íntimo e do corporal no espaço público e acadêmico,

2 Masturbarte é um neologismo que combina “masturbar-se” e “arte”, cunhado para nomear um evento performático organizado pelo grupo, que buscou trazer o prazer autoerótico ao centro do debate acadêmico, subvertendo o pudor e a patologização historicamente associados à masturbação.

opondo-se ao higienismo e ao intelectualismo denunciados por Freire. Reconhecemos que a normalidade (sexual) afeta profundamente e restringe os espaços educativos que habitamos. Contudo, acreditamos que as teorias *queer* têm a potência de mobilizar práticas e discursos que intervêm ativamente nos efeitos dessa normalidade.

Pedagorgia, o Grupo de Extensão que coordenamos entre os anos de 2019 e 2023 na Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional de Mar del Plata, foi o ambiente que ativou essa experiência. Não se tratou de persuadir ou depositar conteúdo, mas sim de enraizar a educação no autoconhecimento, na experiência sensorial, na consciência corporal e na expansão da afetividade. Em Pedagorgia, o conhecimento não foi transmitido de forma estática, mas sim construído coletivamente através da erótica e do prazer, desfazendo a lógica mecanicista criticada por Freire e abrindo um caminho para a transformação do mundo por meio da dissidência.

Primeiro contágio: Domesticar a teoria *queer*

Este primeiro contágio inaugura a série de quatro investigações anunciadas na introdução: aprofunda-se na tese de María Alejandra Estifque como via de entrada para pensar a Teoria *Queer* a partir do doméstico, do têxtil e do gesto manual, retomando a crítica à extensão como propaganda domesticadora que vínhamos tecendo até aqui.

O ponto de partida para a nossa reflexão neste contágio é a advertência inicial de María Alejandra Estifique, que questionou a tendência da academia em privilegiar a condição pública e intelectual da teoria *queer* no processo de sua institucionalização. Contra essa dessexualização higienista do saber, este segmento analisa os achados de sua investigação doutoral, que valorizou a composição doméstica e íntima da pesquisa por meio de uma autobiografia performática. Para esta artista têxtil e visual, os cenários domésticos ocupam um lugar central. Inspirada pela busca dos desenhistas pela síntese na linha e no plano (aquele instante em que a vista, o tato, o sentir e a percepção se conectam com o traço) Estifique propõe que a produção de objetos criativos é uma busca constante e simples pelo sutil.

Essa busca materializou-se em sua trajetória com a arte têxtil, uma expressão que, ironicamente, foi historicamente considerada arte menor ou uma categoria depreciativa atribuída às donas de casa. Entre 1984 e 2004, María Alejandra dedicou-se ao tecido em tear, uma técnica minuciosa e lenta que lhe permitia seguir criando enquanto estava sentada, ao cuidado das filhas. Essa “quietude ativista” em um corpo que necessitava seguir produzindo, em um formato contido de cadeira e ferramentas, revela a potência contida no arte doméstico (Estifique, 2024). É a partir deste contágio (entre sexualidades, alimentação e descarte) que se expande a leitura do texto ao corpo, identificado

como um ambiente crucial para a produção de categorias conceituais. A tese de Estifique nos força a um encontro com as materialidades que importam. Sendo uma fã do trabalho têxtil, ela fabricava suas próprias telas com grande profissionalidade, explorando epistemologias visuais e a fenomenologia das artes gráficas (traços a ponta seca, zonas de giz, coberturas de água-forte). O vocabulário têxtil torna-se o vocabulário *queer*.

Em comparação com a precisão das letras de seus textos, contemplar seus tecidos implica adentrar a esfera do agujereado, enrugado e borrado. É uma forma de ver, tocar e orientar-se corporalmente, explorando visual e materialmente as dimensões fractais das palavras, imagens e padrões: do primeiro plano ao fundo; da figura ao solo; do detalhado, embaçado, aguado e esboçado; e das revelações ou significados equivocados. A inseparabilidade do meio próximo que nos rodeia (o lar, o lixo, o corpo que decompõe) é valorizada como um caminho opondo-se à compulsão intelectual da academia.

A investigação de Estifique ressalta o caráter de contágio desta experiência com a extensão universitária e a educação sexual, conforme se desdobra em cinco dimensões interconectadas. A primeira camada é de natureza artística, buscando metodologias à margem do cânone acadêmico e reconhecendo a decomposição (Ramallo, 2019)

como sustento conceitual para a Teoria *Queer*. O foco se concentra em um volume que transita entre o reduzir, reciclar e reutilizar em direção ao aroma do corpo, o movimento, a linha e a palavra. Práticas corporais como o chi kung e a bioenergética auxiliaram na compreensão da extensão do corpo-território, com a energia sendo sentida vividamente em seu deslocamento (Estifique, 2024). A segunda camada evidencia esta decomposição na e com a biblioteca, onde o corpo intelectual exala o “cheiro do estudo”: a transpiração da bunda. A Sobre-interpretação é conformada por oficinas que promovem a des-sacralização do texto (transformando folhas de livros em envelopes) para compartilhar e contagiar o conceito. Essa prática busca fracionar relatos manualmente e questionar como se decompõe a linearidade da leitura.

A partir do cheiro do corpo, a terceira camada se manifesta em ambientes suavizados pelo aroma da cama, do banheiro e da cozinha. Descobrimos a possibilidade de viajar em nossas próprias casas ao transgredirmos conceitos e práticas herdadas, gerando solidariedades necessárias para não desaparecer (hooks, 2021). O respeito ao silêncio (Estifique, 2019) se torna fundamental. Os espaços da *Casa de Artista* utilizam nomes de geografias para facilitar um jogo têmporo-espacial, com o pedaço de terra (deliberadamente selvagem) servindo como espaço de meditação. A quarta camada se concentra na cozinha e na articulação

performática de uma escultura-vida sobre o tratamento dos resíduos orgânicos do lar. A Paca Digestora Silva materializa os futuros brandos, sendo um modo ativista de lentidão que implica assumir os próprios resíduos, dejetos e decomposições. Olfatear os desperdícios ajuda a compreender toxicidades e excessos, permitindo construir uma maquete pedagógica onde o sentir das raízes não distingue entre Público/externo e Privado/íntimo.

Finalmente, a quinta camada, Yo Yolanda Yocasta, inscreve-se no espaço do conhecimento da infância. O estudo acadêmico mobilizou jogos de adultos para reencontrar a própria meninice através de uma boneca de pano que habita uma representação dos diferentes estágios do corpo. A boneca é um metarrelato que coloca em jogo materiais narrativos autobiográficos e o caderno de campo como instrumento autoetnográfico central, que recupera cinco categorias analíticas. Em todo esse percurso, o aroma do corpo se entrelaça no último suspiro que antecede a despedida, oferecendo uma resposta à desmedida intelectual. Como se inter-relacionam essas hipóteses (a quietude ativista, a erótica dos resíduos e a crítica à domesticação teórica) em nossa própria prática? E como nos sentimos ao ler esta obra que exige tocar o que é sujo e sutil? A tese nos leva ao cerne do problema da materialidade e do afeto, na composição de uma teoria *queer* doméstica (Ramallo;

Estifique, 2024). Como podemos, entre nós, desenvolver os instrumentos menos penosos, mas surpreendentes, hábeis e produtivos para que as coisas melhorem e para que a academia possa, de fato, acolher a complexidade de corpos, afetos e lixo que nos constitui? A resposta, talvez, esteja na lenta e minuciosa arte de domesticar a teoria *queer* através da prática, do toque e da decomposição.

Segundo contágio: Arquivo Changan-Utopia

Se o primeiro contágio nos levou ao doméstico e ao têxtil, este segundo contágio desloca o olhar para o território e o ambiente, sem abandonar a mesma aposta em uma investigação encarnada, situada e atravessada pelo corpo de quem pesquisa.

Neste segundo contágio, dedicamo-nos à tese doutoral de Julieta Paladino, cuja trajetória e biografia se tornam inseparáveis da pesquisa. Julieta, cofundadora da Ecos de Mar (associação ambientalista que se opõe à instalação de petroleiras em Mar del Plata), é fotógrafa, incursiona no teatro, circo, *contact*, *performance*, videoarte e cinema, e desenvolve um doutorado sobre como imaginar uma cidade interespecífica (Paladino, 2023). Sua vida é um laboratório de saberes ancestrais e somáticos, atuando como *doula*, *reikista*, instrutora de *kundalini-yoga*, aromaterapeuta, herborista, alquimista e praticante de *tantra*, fitomedicina, cosmética natural e alimentação viva em seu lar.

O incremento dos desastres ambientais nos últimos anos é uma problemática social que evidencia aspectos singulares nas epistemologias sobre o estudo dos territórios e dos modelos econômicos, sociais e culturais extrativistas neles desenvolvidos. Entre as ciências, as artes e as tecnologias, e para além do Estado, emerge uma rede de organizações e ações coletivas que tecem uma relação epistêmica, cotidiana e íntima com os ambientes nos quais surgem. Esta investigação autobiográfica se narra como um arquivo, constituído por uma série de performances ecofeministas realizadas em Mar del Plata entre 2019 e 2024. O conhecimento aqui produzido não é *sobre* o território, mas sim *com* a experiência de o indagar. Protagonizando uma escolha epistêmica que cocompõe a investigação e a materializa, recuperam-se cosmologias interrompidas, inteligências planetárias e linguagens artísticas para contextualizar formas de socializar saberes que democratizam nossas relações com a Terra e problematizam o sujeito onipresente da enunciação científica.

A tese se insere no contexto de Mar del Plata, a partir de diferentes ações de ativismo ambiental ocorridas desde 2019, intensificando-se entre 2021 e 2023 durante o “Atlanticazo”. Como conhecimento situado, sua dimensão territorial é reescrita epistemicamente, e a investigação autobiográfica recompõe uma justiça teórica desde e com o

Sul. Julieta propulsou e participou, pondo seu corpo nessas ações, sendo testemunha de diversos acontecimentos neste território, no lugar e momento adequados. Como ativista, Julieta é a investigação. Por mais de quatro anos, a gestão de um *website* que se tornou uma associação ambiental de múltiplas faces combinou práticas ativistas, artísticas, ancestrais, comunitárias, científicas, formativas e utópicas. Em *Ecos de Mar*, ela desenvolveu uma árdua labor voluntária de pesquisa, comunicação, redação, direção de arte, edição e performance, assumindo estas tarefas como descomposições (Ramallo, 2019) e compostagens das humanidades - essas *humusidades* que Donna Haraway (2019) entrelaça como materialidades e tecnologias da arte e da ciência. Sua vida e corpo performativamente se tornaram um arquivo ancestral indivisível.

As consequências do estresse e da ecoansiedade transformaram a investigação em um modo de evitar a dor somatizada. A participação em diferentes “ações” e performances coletivas em espaços públicos foi acompanhada pelo aprofundamento em práticas somáticas, visando o autoconhecimento e o reconhecimento do fazer como própria investigação. Compartilhar cerimônias e meditações dentro da *Ecos de Mar* serviu como oportunidades de escutar, conversar e constelar em sincronia com a ciclicidade das estações, demonstrando o contágio da extensão

com a educação sexual e corporal. A produção audiovisual (que não é produto, socialização ou mera representação da pesquisa) constitui-se como uma linguagem que, sob uma ótica autobiográfica, decompõe uma relação instrumental e normativa com as tecnologias. Julieta nutre-se do audiovisual desde a infância, aprendendo a desfazer os fios da linguagem multimídia para tecer suas próprias mensagens. Em uma busca por reconexão com a essência e para reivindicar a realidade orgânica e eterna da matéria viva, ela usa a alegoria de Haraway sobre os sistemas visuais como encarnação da objetividade feminista.

Julieta aplica o olhar de baixo na constante desconstrução dos *mass media*, vendo além das superfícies publicitárias e comungando com uma prática de objetividade que favoreça a contestação, a desconstrução, a construção apaixonada e as conexões entrelaçadas. A impossibilidade do relativismo científico na análise da realidade legitima narrar uma ciência que hackeia os interesses econômicos da exploração extrativista que, paradoxalmente, a financia. A futura tese de doutorado de Julieta Paladino, ancorada no objetivo de cocompor um arquivo utópico a partir de uma autobiografia audiovisual e performances ecofeministas, atua como uma reavivação fundamental das experiências do Grupo de Extensão Pedagógica. Embora o grupo tenha finalizado suas atividades, os propósitos da

tese - especialmente ao entramar a narração autobiográfica audiovisual com o estudo de performances, ao identificar registros científicos sensíveis e ao promover a socialização das próprias práticas de investigação - espelham a ruptura epistemológica defendida por *Pedagorgia*: mover o conhecimento da academia para a ação, valorizando o corpo, o ativismo e as práticas artísticas como elementos constituintes das ciências sociais e humanas, e não apenas como objetos de estudo.

Terceiro contágio: *Epistemologias brandas*

Na mesma chave que atravessa os contágios anteriores - a valorização do que a academia tradicionalmente descarta -, este terceiro contágio recupera os saberes manuais e brandos como forma legítima de conhecimento, deslocando-se agora do território para a infância e para a sala de aula.

Este terceiro contágio aborda uma linha da teoria *queer* que se volta para o degradado e o reconhecido como bobo (Halberstam, 2018), valorizando os saberes manuais, criativos e artísticos que circulam como “descarte” na pesquisa em educação. A experiência deste contágio se materializou no projeto de extensão “Maestria em Plastilina e Redes de Investigações-vidas”, coordenado por nós entre março de 2022 e março de 2023 em *Pedagorgia*. Nasceu da urgência em valorizar os saberes moles e socialmente desprestigiados,

em franca oposição à rigidez dos cânones acadêmicos. A tese de Licenciatura de Claudia Blanco (2023) realizou uma autoetnografia desse projeto, cuja arquitetura curricular de doze componentes mapeou a intersecção entre corpo, arte e investigações-vidas. A própria ideia da “plastilina” orienta o modelamento das contribuições epistêmicas das teorias *queer* na infância: sua maleabilidade é a metáfora da plasticidade social desses saberes, que, ao serem modelados, desprendem e moldam eróticas *queer* e decompõem figuras fixas. Trata-se de um gesto de insubmissão à universidade em sua forma mais endurecida. Concretiza-se aqui ao elevar a textura, o afeto e a cor do material a componentes curriculares legítimos, tecendo um currículo que é, simultaneamente, um manifesto pela infância *queer* e uma pedagogia da maleabilidade. O valor do manual é uma reivindicação materialista que expande a montagem dos nossos corpos, onde as ausências não são esquecimentos, mas perda de experiências a serem restauradas em narrativas como esta.

A proposta da plastilina valoriza práticas elásticas, brandas e domésticas, além das atividades expressivas, especialmente a modelagem. O importante é o processo, o desenvolvimento do jogo e a alegria na realização, em detrimento do produto final na hora de avaliar. Cores, texturas e odores constituem propriedades atrativas que aguçam os sentidos, um exercício valioso para a sensibilização e o desenvolvimento da autoestima. A plastilina, originalmente

um material industrial (inventada em 1880 por Franz Kolb, composta por sais de cálcio, vaselina, etc.), é trazida aqui não em sua materialidade plástica (que nos assusta e nos leva a sugerir o uso de massas ecológicas), mas em sua prática.

Nesse sentido, a investigação em educação se desconecta do fluir da vida quando o peso do sujeito autônomo impossibilita reconhecer as relações que organicamente nos constituem. Vivemos em e como pedagogias que não são apenas intelectuais, mas também afetivas, corporais e sexuais. Gostamos de afirmar que não somos pedagogos, mas pedagogia em si mesma. O desafio é traçar uma distância do paradigma tutelar da educação moderna, valendo-se da mediação pedagógica (Mesquita, 2022). Desviamos os valores intelectuais de esquemas de pensamento como a pedagogia crítica, que, embora emancipatórios, permanecem, por vezes, nos limites das políticas imperiais do conhecimento. A ideia de um título de pós-graduação ancorado nesses saberes brandos (Maestria em Plastilina) permitiu refletir sobre os significados do seu uso: a modelagem convida à transformação. A intenção é compor conhecimentos que permitam modos mais sensíveis de existir e, a partir disso, visibilizar emoções, aguçar sentidos e afetar corpos, intuições e energias vitais. Como as crianças que brincam, a pesquisa amassa, golpeia, esmaga e volta a (re)armar o que cria. O modo de conceber as investigações-vidas nos

acolhe na indivisibilidade de nossas existências e no fluir de uma pedagogia des-disciplinada (Godoy Lenz; Ramallo; Ribeiro, 2022). Isso inscreve uma experiência acadêmica que emerge na desmarcação da normalização do conhecimento positivista. Os saberes brandos colaboram na reapropriação das eróticas socialmente desprestigiadas, modelando plasticidades sociais mais generosas.

Propomos desdobrar campos de investigação com uma perspectiva criativa: a pesquisa como a vida atravessada por sensações, odores, cores e arte. Pensar e viver modos de amolecer a academia implica interação, mudança e movimento para que, finalmente, possamos alcançar a trans-formação das estruturas universitárias. A proposta é compartilhar modos possíveis, não de “defender”, mas de expandir o percurso não reto de uma investigação, envolvendo os sentidos e sensibilizando os olhares para reconhecer que os aprendizados mais valiosos se gestam em comunidade com a arte e a criatividade. A pesquisa de doutorado de Claudia Blanco (2024) sobre a composição da memória escolar do Jardim Municipal N° 29 de Mar del Plata deu origem a esse ambiente de estudo. Inicialmente, o foco foi um diálogo enriquecedor entre docentes, crianças e a comunidade educativa, entrelaçado às vivências da própria pesquisadora como professora. O objetivo de interpretar como essa memória é tecida, resgatando as experiências a

partir das vozes e expressões próprias das infâncias, já se conecta com a curricularização da pesquisa, pois reconhece a criança como protagonista e transforma a investigação em um processo pedagógico inerente à vida escolar.

Quarto contágio: *Ambientes híbridos*

Fechando o percurso dos quatro contágios, esta última investigação retoma o fio da performance e da autobiografia já esboçado nos contágios anteriores, radicalizando a hibridação entre arte, corpo e produção de conhecimento científico.

Em irmandade com o trabalho híbrido de Ximena Magalí Villarreal (artista, atriz, docente, diretora visual de artes cênicas e plásticas, designer gráfica e fotógrafa) celebramos um ato iniciático e promissor de futuros não normativos para a ciência. A tese doutoral de Villarreal (2025), que tem sua gênese nas linhas de estudo *queer* fomentadas pelo grupo de extensão Pedagorgia, propõe abordar as práticas performáticas como ambientes híbridos de experiências vitais. Recentemente apresentada e orientada por Luis Porta e Isabel Molina, a pesquisa propõe-se a irromper os paradigmas hegemônicos na produção de conhecimentos nas ciências sociais. A partir de um enfoque pós-qualitativo, a investigação narrativa autobiográfica em educação autoriza o apagamento da divisão clássica entre ciência e arte, e reivindica as potencialidades das metodologias

artísticas não apenas como instrumentos de validação científica, mas como veículos de reivindicação social.

O trabalho centra-se na meta-análise de *performance-investigação* realizadas pela autora, visando visualizar tanto sua condição legítima na construção de conhecimentos quanto o caráter eminentemente político-ético-estético que as constitui, ocupado em irromper a hegemonia da representação. Por um lado, a tese reconhece a expansão autobiográfica como um espaço onde a(o) artista de *performance* e a(o) pesquisadora(or) se tornam produtorxs de sentido e convertem sua vida em criação; por outro, propõe questionar as práticas sociais discursivas e autoritárias que determinam quem e de que forma pode ocupar os espaços públicos e as instituições artísticas. O resgate das experiências corporais e afetantes de quem realiza as intervenções permite apelar ao potencial da conversação como movimento tendente a disputar sentidos pessoais e coletivos, inaugurando práticas culturais mais sensíveis nos territórios de ensino e aprendizagem. Trata-se de incitar uma nova forma de dizer que dialogue com o clandestino e proponha uma estetização da existência por meio de ações que ativem memórias latentes na própria autobiografia, expondo injustiças e violências simbólicas. Isso implica um gesto de ato vital que apela decididamente para tensionar os privilégios acadêmicos da arte e reivindicar o potencial

político-poético-epistemológico dessas práticas, sublinhando com ênfase que “o pessoal é político e, portanto, pedagógico” (Flores, 2017; Britzman, 2016; Luhmann, 2018).

Os ambientes híbridos desafiam a ordem e a reinventam. Eles habitam o imaginário, o prazer, a dor e a criação, emergindo como impulsos vitais capazes de deslocar a realidade. Híbrido é ação, contradição e decisão, implicando caminhar pelas bordas e deixar-se afetar para irromper sentidos, constituindo uma oportunidade de sobreviver-se. É uma ruptura com a narrativa histórica linear que convida à entrega à multiplicidade de estilos, gêneros e materialidades nas manifestações artísticas, capazes de transformar as experiências subjetivantes. Tanto as práticas performáticas quanto os trabalhos autobiográficos se sustentam em temas privados que apelam à autorreflexividade, potencializando processos de singularização que se materializam em um terreno comum, diminuindo a distância entre o íntimo, o privado e o público. A vida material e a experiência sensível são propostas como laboratórios de transformação de corporalidades que possibilitam a formação de um projeto democrático. O medo, a dor e o desejo alcançam uma forma visível e emocional que evidencia as contingências das existências, operando como um sistema de projeção de ideias onde palavras e corpos se assumem como material plástico e político (Flores, 2018). As práticas performáticas

se inscrevem no espaço autobiográfico e alientam a busca pela autorreflexividade na relação entre o eu íntimo e o compromisso social.

Em sua condição de arte viva, o corpo presente torna-se material plástico, e a experiência, fonte de conhecimento capaz de reconfigurar a subjetividade. A *performance* é reconhecida como um ambiente que concede liberdade para que xs sujeitxs marginalizadxs e as identidades excluídas possam pronunciar-se e habitar a pluralidade. Trata-se de um entrelaçamento da introspecção e do entramado social, ocupado em criar novas linguagens que, desde e com o corpo, abordam temas como identidades, memórias e limites. Além disso, questiona a arte, as instituições de consagração e xs acadêmicxs que a definem, com o fim de tornar conscientes costumes naturalizados e, assim, incidir e transformá-los. O Objetivo Geral da Tese é Autocompreender, a partir de um exercício de reflexividade crítica, as condições e incidências das práticas performáticas levadas a cabo no espaço público e nas instituições artísticas, como processos de transformação autobiográfica. Seus objetivos Específicos são: descrever os ambientes narrativos que, a partir de uma perspectiva autobiográfica, tenham produzido um acontecimento formativo na vinculação entre arte e educação; Cartografar as relações subterrâneas que atuam como redes de sentido para dar

conta das relações recíprocas entre representação artística, mediação pedagógica e corpos vivos; e Produzir uma meta-analítica das práticas performáticas autobiográficas.

Depois de *Pedagorgia*

Depois de percorrer os quatro contágios, cabe agora recuperar os fios que os atravessam e projetá-los para além do Grupo de Extensão que lhes deu origem.

Entre os altos muros universitários, optamos por abusar da hospitalidade de seu sistema protetor, em um movimento que evoca o estilo de Jack Halberstam (2018): uma forma de estar ali, mas não ser somente de ali. É nesse gesto de irrupção que reconhecemos estas formas de estudo e linhas de abordagem da teoria *queer* que emergem como os quatro contágios depois de *Pedagorgia*. O prazer corporal passa a ser uma lente que interroga a respeitabilidade acadêmica e a assepsia sexual como um registro do regime de produção do conhecimento (Flores, 2017, p. 4). Este exercício narrativo, portanto, visa desviar a estigmatização e a patologização de quem deseja e de quem produz saberes a partir do desejo. Contra a amnésia da heteronormatividade e as condições de produção de conhecimentos usualmente rígidas, buscamos nos des-higienizar e “sujar” a normalidade dos estudos da dissidência sexual.

A teoria *queer* surge na generosa oportunidade dos nossos fracassos. Estar à margem e incomodar a rígida normatividade foi uma constante que nos permitiu, repetidas vezes, reposicionarmo-nos. Em movimento, debilitar-se também é ser, crescer e vomitar a institucionalidade. A reprodução, desigual e imperativa da modernidade, nos empurra para fora. “Nós vamos daqui porque já sabemos voltar, e porque a potência está em fracassar” (Halberstam, 2018). Apesar de termos recebido apoio e financiamento em nossos projetos, a precariedade disposta na estrutura formal para essa labor nos afastou do desejo do sucesso de pertencer à sacrossanta universidade. Como um organismo vivo, nos decompomos e abandonamos o peso patriarcal que nos obriga à rigidez de nomear, abrindo espaço para a sensibilidade e a dor social frente às desigualdades sexo-genéricas (Báez; Fainsod, 2018).

Nossa resistência à condenação do prazer (sobretudo para os corpos dissidentes, as mulheres e as crianças) e o rechaço ao puritanismo globalizado que nega o gozo corporal, centram-se nos desejos. Embora nos circuitos habituais da produção acadêmica normalizada e colonizada nossas fantasias sejam frequentemente vistas como perversões, é justamente sua potência que produz mutação. A impoluta desconexão da carne é confrontada pela teoria *queer*, que abandona a patologização das práticas sexuais para buscar

o saber-prazer que modifica a enunciação hegemônica. Interessa-nos, portanto, projetar nosso trabalho acadêmico na compreensão da construção do pânico sexual e da criminalização da protesto social pró-sexo.

A justiça erótica cunhada por Gayle Rubin (2018) inspirou atividades performáticas, como o festival *Masturbarte*, que realizamos em 2019, desmarcando a ideia de diversidade e os riscos da mera inclusão. A masturbação, como prática condenada e associada ao “vício” e à puberdade, constitui um ato de estimulação dos órgãos (sexuais) pelo prazer que produz e para relaxar a tensão. O mito de que se masturba quem não pode satisfazer seu instinto sexual de outro modo é desfeito. O que nos move é o poder da imaginação em relação com a experiência sexual, intensificando o erotismo até o ponto do orgasmo. Ao trazer o prazer autoerótico para o centro da discussão acadêmica, desviamos o olhar do fracasso heteronormativo e o fixamos na potência desestabilizadora do gozo individual e compartilhado, promovendo o contágio do erótico no coração da universidade.

Os cinco anos em que a Universidade Nacional de Mar del Plata nos acolheu possibilitaram movimentos cruciais para a nossa comunidade. Em 2019, o taller “Pedagogias *Cuir* em El Canto del Fuego” foi uma atividade recursiva que gerou um diagnóstico sobre a dificuldade de acessar as dinâmicas de aprendizagem oferecidas pelas pedagogias

cuir/queer. Esse diagnóstico orientou os projetos subsequentes. Em “Cuir em Educadores I” (2020-2021), dedicamo-nos a gerar materiais para trabalhar a educação sexual de uma maneira não normativa. Embora a Argentina conte com a Lei de Educação Sexual Integral (ESI) desde 2006, sua excessiva homo-heteronormatividade, a ênfase na genitalidade, o extrativismo sexual e o pânico moral que concebe o sexo como perigoso e mau, constituem grandes obstáculos para a sobrevivência da dissidência sexual na esfera pública e social.

No projeto posterior, “Cuir em Educadores II” (2022-2023), o programa “Maestria em Plastilina e Investigações-vidas em Educação” nos permitiu articular pesquisa, docência e extensão em uma proposta formativa em diversos territórios de educação livre, infantil e especial. A intenção foi mobilizar, para além do realismo e do que é definido como “estranho”, saberes brandos e desprestigiados na hierarquia epistêmica universitária. A ideia da plastilina orientou o modelamento de coordenadas que, ao calor dessa experiência, ganharam sentido para reconhecer as contribuições epistêmicas da extensão por meio das investigações-vidas em educação (Godoy Lenz; Ramallo; Ribeiro, 2022). Dessa forma, nos inscrevemos em uma experiência acadêmica que emerge no desmarcar da normalização do conhecimento, afastando-se do modelo positivista, objetivo, neutro e onipresente, centrado na mera extração de dados empíricos.

Chegamos, então, ao ponto de contagiar formas de des-higienizar a Universidade com essas experiências de investigação. Interseccionalizamos as práticas de extensão e os estudos da dissidência sexual, descentrando o aparente tecnicismo da pesquisa em educação para concluir nossa narrativa. Contamos de distintas maneiras uma experiência que se vincula estreitamente àquela postura dolorosa que faz parte de um mapa mais abrangente das formas de colonização e normalização do conhecimento que, ainda hoje, conformam nossos corpos e mentes. Por isso, ansiamos por uma discussão que enraíze o conhecimento e o situe em nossa própria cognição. As tensões quase neuróticas entre o prazer e o perigo, para Facundo Boccardi (2016), auxiliam na reflexão sobre a implementação atual da lei N° 26.150 na Argentina. O arcabouço legislativo que a articula no chamado “enfoque de direitos” permite uma conexão com os “direitos sexuais”, recuperando uma memória discursiva inédita na abordagem da relação entre práticas sexuais e prazer sexual.

A extensão (a partir de sua dimensão acadêmica, dialógica e pedagógica) confere à própria universidade a possibilidade de (des)orientar permanentemente suas práticas e repensar suas políticas institucionais (Ahmed, 2019). As hierarquias impedem o fluir da vida, como nos ensina Casilda Rodríguez (2010), em uma aposta para não aniquilar as possibilidades que nosso laço erótico propaga com o mundo material dos nossos corpos. Como

condição de vida que se recria a si mesma, ao interagir com os outrxs, a *Pedagorgia* que habitamos afetou o niilismo das pedagogias *cuir* (Britzman, 2016). A esperança de mudar de direção reside no fato de que nem sempre sabemos aonde alguns caminhos nos podem levar; arriscar-nos a sair do reto (heterossexual) e do estreito (demente) torna futuros possíveis. Extraviar-nos, perder-nos ou, inclusive, tornarmo-nos *queer* (Ahmed, 2019), foi a oportunidade que nos animou a produzir textos como o presente.

A extensão, em sua dimensão transformadora, configura-se como uma função substantiva que, integrada à docência e à pesquisa, forma parte de um modelo de universidade que caracteriza o sistema universitário nacional. Este contágio separa o uso dos prazeres das formas de reprodução humana, permitindo explorar e experimentar outros usos dos prazeres. Na orgia (pela mutação, partenogênese e contágio) quando dois ou mais corpos afetados pela mesma forma-de-vida não-humanista se encontram, ocorre a experiência da manada: acende-se o contato com a própria potência. A ciência, ao tentar conter e pulverizar a gama de afetos e intensidades que podem se produzir entre singularidades em contato, busca nos subsumir à miséria ético-afetiva do mundo por meio da parelha e da família, dispositivos cruciais contrários à manada e ao incremento da potência.

Referências

AHMED, Sarah. **La promesa de la felicidad**. Buenos Aires: Caja Negra, 2019.

BÁEZ, Jessica; FAINSOD, Paula. **¡Qué sea ley! Excusas, paradojas y desafíos de la Educación Sexual Integral (ESI)**. Material do Observatório Participativo de Políticas Públicas em Educação. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 2018.

BLANCO, Claudia. **Ablandar la academia: Una autoetnografía con el proyecto de extensión maestría en plastilina e investigaciones-vidas (Mar del Plata, 2022-2023)**. 2023. Tese (Licenciatura em Ciências da Educação) – Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata, 2023.

BLANCO, Claudia. **Manos que sienten, cuerpos que piensan: Una investigación autobiográfica con las infancias sobre la construcción de la memoria en el Jardín Municipal N° 29 de Mar del Plata**. 2024. Projeto de Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata, 2024.

BOCCARDI, Facundo. Erotismo y placer sexual. Un recorrido por la memoria discursiva de la Educación Sexual Integral. **Cuadernos de Educación**, [S. l.], ano XIV, n. 14, dez. 2016.

BRITZMAN, Debora. ¿Hay una pedagogía *queer*? O, no leas tan recto. **Revista de Educación de la Facultad de Humanidades**, [S. l.], n. 9, ano 7, p. 13-34, 2016.

ESTIFIQUE, María Alejandra. **El aroma del cuerpo: Autoetnografía performática en la comunidad Pedagogía**. 2024. Tese (Doutorado em Educação com menção em Investigación Narrativa y autobiográfica) – Universidad Nacional de Rosario, Rosario, 2024.

FLORES, val. **Tropismos de la disidencia**. Santiago de Chile: Palinodia, 2017.

FREIRE, Paulo. **¿Extensión o Comunicación?: La concientización en el medio rural**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973.

GODOY LENZ, Rossana; RAMALLO, Francisco; RIBEIRO, Tiago. **Investigaciones-vidas en educación: Escuchar, conversar, constelar**. La Serena: Editorial ULS, 2022.

HALBERSTAM, Jack. **El arte *queer* del fracaso**. Madrid: Egales, 2018.

HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema. Generar parentesco en el Chthuluceno**. Buenos Aires: Consonni, 2019.

HOOKS, bell. **Enseñar a transgredir: la educación como práctica de la libertad**. Buenos Aires: Capitán Swing, 2021.

JOHNSON, Cecilia; BONAVIDA, Paola. Epistemologías y saberes disidentes en la Universidad: una agenda en construcción. **Revista de Educación de la Facultad de Humanidades**, [S. l.], n. 21, año XI, p. 71-87, 2020.

LORDE, Audre. **Lo erótico como poder y otros ensayos**. Córdoba: Bocavulvaria Ediciones, 2016. p. 9-17.

LUHMANN, Susanne. ¿Cuirizar/cuestionar la pedagogía? O, la pedagogía es una cosa bastante cuir. In: HERCZEG, G.; ADELSTEIN, G. (trad.). **Pedagogías transgresoras**. Santa Fé: Bocavulvaria, 2018.

MESQUITA, Rui. **Mandinga: descolonización y articulación pedagógica**. Mar del Plata: UNMdP, 2022.

PALADINO, Julieta. **Archivo Changan-Utopía: Una autobiografía audiovisual con performances ecofeministas en Mar del Plata**.

2023. Projeto de Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata, 2023.

RAMALLO, Francisco. Paulo Freire con glitter y pañuelo verde: Notas cuir para educadores. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 24, n. 52, p. 101-122, 2019.

RAMALLO, Francisco; ESTIFIQUE, María Alejandra. Domesticar la teoría (*queer*): una investigación performática. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 275-293, 2024.

RUBIN, Gayle. **En el crepúsculo del brillo: la teoría como justicia erótica**. Córdoba: Bocabulvana ediciones, 2018.

VILLARREAL, Ximena Magalí. **Ambientes híbridos: Autobiografía y performatividad**. 2025. Tese (Doutorado em Educação) – Universidad Nacional de Rosario, Rosario, 2025.